

Não precisa mais repetir: uma biblioteca nacional é feita, antes de tudo, para guardar a cultura literária de um país. Mas, de vez em quando, aparecem, junto com edições originais, fotos, desenhos e manuscritos valiosos, pequenos objetos que não fazem parte propriamente da cultura literária. Por exemplo, no meio da enorme e valiosíssima coleção de livros, manuscritos e fotografias de D. Pedro II, surgiu uma mimosa e rica caixinha, coisa de estimação, contendo uns fios de cabelo da leonina cabeleira da avó do imperador, D. Maria, a Louca. Fazer o quê? Jogar fora? É claro que não. Não custa guardar nalgum lugar. Afinal de contas, uns fios de cabelo não vão ocupar tanto espaço lá onde se podem guardar 9 milhões de peças. E assim por diante. Resultado: a Biblioteca Nacional tem hoje uma porção dessas curiosas peças, bem-guardadas, bem-conservadas, pois tudo o que cai aqui é bem-guardado e bem-conservado. Citemos mais algumas, para deliciar o leitor: além da citada real madeixa de D. Maria I, podemos também admirar um fio de cabelo de Inês de Castro, aquela do "E tarde, Inês é morta", uns cachinhos da escritora Clarice Lispector e - pasmem! -, colados numa carta impublicável de D. Pedro I à marquesa de Santos, um punhado de pêlos pubianos do travesso imperador.

---

O caso que se segue é pitoresco. Ou será triste? Talvez as duas coisas. Em todo o caso é curioso, nem que seja por envolver duas personalidades marcantes da nossa literatura.

Em 1895 era diretor da Biblioteca Nacional o grande romancista Raul Pompéia, ou melhor, o Dr. Raul D'Avila Pompéia. E estava em pleno apogeu o crítico literário José Veríssimo, também famoso por sua afiadíssima língua. Foi quando, no volume XVII dos *Anais da Biblioteca* saiu publicado o *Catalogo por Ordem Chronologica das Biblias, Concordancias e Commentarios Existentes na Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*, com 337 páginas e centenas de verbetes, dando conta de tudo o quanto se pode imaginar em termos de Bíblias e assuntos bíblicos, passando por incunábulos, pela famosíssima Bíblia de Mogúncia, editada em 1462 por sócios de Gutenberg, até as mais recentes edições da época, e numa incrível variedade de línguas antigas